

COLUNA FALA Por César Gomes

CALIGRAFIA HOMOFOBICA - #SQN

Em outubro de 1992, participei de um processo seletivo para administrador de restaurante, numa empresa multinacional, localizada na avenida 23 de maio, em São Paulo.

Naquela época os currículos ainda eram preenchidos em um formulário fornecido pela empresa ou que comprávamos em papelaria.

Lá chegando, por volta das 08:00 horas, fui conduzido para uma sala com capacidade de 30 a 40 pessoas.

A primeira fase compreendia em preencher o formulário/currículo e escrever uma redação com o título “Porque serei útil para esta empresa”.

Restaram 12 pessoas para a segunda fase que foi teste psicotécnico, resultando cinco pessoas aptas para a função: eu formado em técnico em nutrição e dietética, e mais quatro meninas formadas em nutrição.

Todo processo foi conduzido por uma psicóloga, uma assistente social e uma funcionária do RH.

Na sequência, nós cinco fomos conhecermos alguns setores da empresa, como RH, cozinha e restaurante onde nos foi ofertado o almoço.

Por volta das 14 horas, retornamos à sala para exibição de slides sobre a empresa, enquanto aguardávamos o resultado final.

Em dado momento sai para beber água e flagrei sem querer a psicóloga e assistente social dizendo que eu era de longe o melhor candidato a ocupar a vaga.

E, assim, ocorreu, as outras foram liberadas e eu fiquei apenas para ser apresentado ao diretor com a orientação de que deveria me apresentar na próxima semana para assinar as papeladas de registro na empresa e dar início a função; estávamos numa quinta-feira e deveria iniciar na segunda.

Ao adentrar na sala do diretor, antes de qualquer saudação o diretor me surpreendeu perguntado se eu estava acompanhado de uma amiga ou pela minha irmã. Ao responder lhe que não então perguntou me se eu mesmo havia respondido ao formulário/currículo. Disse que sim e perguntei o porquê da pergunta; a resposta foi inacreditável, fiquei por alguns segundos atônito e sem reação; disse me ele: “esta letra é muito feminina, vamos analisar teu currículo e depois entraremos em contato”.

E assim... estou a 29 anos esperando-o analisar meu currículo.

Já tinha ouvido relatos de pessoas heterossexuais que foram discriminadas por se “parecerem” gays, mas por conta de que a letra deu indícios de se tratar ser uma pessoa gay, é no mínimo o cúmulo dos absurdos.

Quantos profissionais capacitadíssimos deixaram de ter uma oportunidade de trabalho por conta de homofobia? Quantas empresas perderam a oportunidade de crescer por não aceitar um/a profissional LGBT?

Estamos falando de oportunidade de trabalho com os mesmo critérios para todos/as.

A mesma pessoa que nega a oportunidade de emprego a pessoa LGBT cinicamente é a mesma que critica as pessoas LGBT profissionais de sexo.

As pessoas têm necessidades básicas como moradia, alimentação e vestimentas, sem o trabalho que opções de sobrevivência restam? Mais um/a para nos roubar e matar ou mais um/a profissional de sexo?

Vejamos que 15 dias após a abolição foi criada lei específica, que proibia dar emprego a negros, no entanto, criaram no código penal a Lei de Vadiagem para prender quem não trabalhava.

Em 1945, CLT Art. 377 consolida o exercício da atividade empregatícia da mulher.

Essa esdruxula ideologia de relacionar a orientação sexual, a raça/etnia e gênero como elementos a determinar a capacidade operacional ou intelectual das pessoas tem que ser combatido diariamente.

Essa ideologia é perversa e fascista porque nivela sempre para baixo inferiorizando a pessoa LBGT, a pessoa negra ou a mulher.

Vivemos tempos de mudanças, tempos de inclusão, tempo de viver e conviver com o diferente é sinônimo de inteligência.

"Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) ; todos e todas inclui o EU, o VOCE, o NÓS, o ELES e ELAS.

Beijos afrogay!
CÉSAR GOMES